

## **A ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NO ATENDIMENTO DE CRIANÇAS COM ESPECTRO AUTISTA: ESTUDO DE CASO COM CRIANÇA AUTISTA EM UMA ESCOLA PARTICULAR DE FORTALEZA-CE**

Autor (a): Antônio Nojosa dos Santos Filho  
Co-autor (a): Sissi Auxiliadora Galvão Toscano Nojosa  
Orientador (a): Andréia Serra Azul da Fônseca

*Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ*

**Resumo:** O presente trabalho ressalta a grande importância do psicopedagogo nas instituições escolares, para trabalharem juntamente com o professor no ambiente escolar. Busca-se analisar atuação psicopedagógica no atendimento de crianças com autismo. Além disso, objetiva-se proporcionar situações de agir-refletir-agir compatíveis com os fins educacionais. Essa pesquisa foi desenvolvida através de uma pesquisa de campo e bibliográfica na qual existem algumas definições sobre o tema proposto, tentando enfatizar os problemas relacionados com o Autismo. E foi baseado nas leituras de Bereohff (1991), Schwarztzman, J. S.(1995), Ana Maria Tarcitano (2008). A metodologia, desenvolvida através de pesquisa de campo com entrevista e bibliográfica, onde houve conceitos e definições sobre o autismo, enfatizou os métodos de ensino aplicado em sala de aula com crianças autistas, e compreendeu-se como funciona a relação do professor com uma dificuldade de aprendizagem que afeta muitas crianças e saber se estiver preparado para resolvê-lo. Acredita-se que para a superação dos problemas de ensinagem em autistas, é necessário um planejamento que inclua atividades diversificadas e individuais proposta pelo psicopedagogo e estudo constante, dedicação e muita competência, pois será necessário investigar as teorias de aprendizagem e colocá-las em prática, conhecendo também a história familiar do educando que é o ponto essencial de nosso projeto. Há de se destacar que se pode contribuir de forma significativa para a superação das dificuldades de aprendizagem apresentadas por crianças que possuem autismo. Para isso a pesquisa propõe operacionalizar uma prática pedagógica que reflita coletivamente sobre o planejamento das atividades educativas, sobre as estratégias e recursos de ensino-aprendizagem e de avaliação visando garantir que crianças autistas aprendam.

**Palavras-chave:** Autismo, Aprendizagem, Capacitação do professor, Pais, Escola.

### **Introdução**

A iniciativa da proposta desse artigo deve-se ao estudo do autismo, mais precisamente na análise da pouca experiência de atuação conjunta entre psicopedagogo e professores da educação básica em escolarizar crianças com espectro autistas (TEA).

Acredita-se que o trabalho conjunto desses profissionais pode contribuir de forma significativa para a superação das dificuldades de aprendizagem

apresentadas por crianças que possuem autismo, embora, há de se evidenciar que a pesquisa em questão basear-se-á em hipóteses.

É fundamental operacionalizar uma prática psicopedagógica juntamente com o professor, que reflita coletivamente sobre o planejamento das atividades educativas, sobre as estratégias e recursos de ensino-aprendizagem e de avaliação com um enfoque ao ensino e aprendizagem e avaliação visando garantir que crianças autistas aprendam.

Acredita-se que para a superação dos problemas de ensinamento em autistas, é necessário um planejamento que inclua atividades diversificadas e individuais, estudo constante, dedicação e muita competência, pois será necessário investigar as teorias de aprendizagem e colocá-las em prática, conhecendo também a história familiar do educando que é o ponto essencial dessa pesquisa.

A grande dificuldade de muitos professores é não saberem manifestar conhecimentos com crianças com autismo, a falta de conhecimento, o despreparo leva ao falso diagnóstico, onde o papel fundamental do psicopedagogo aparece como o principal responsável pelo diagnóstico correto, dessa forma surgem questionamentos: Assim questiona-se será que a atuação psicopedagógica junto ao professor melhora o desempenho da criança autista? Como podemos avaliar essa situação? Como funciona o comportamento dos alunos com uma criança autista? Como o grupo reage quando é contrariado? A equipe escolar colabora nas dificuldades de sala de aula?

Espera-se do psicopedagogo juntamente com professor possam oferecer à sala de aula condições necessárias para a realização de atividades diversificadas que minimizem o impacto da inclusão na sala de aula, melhorando, assim, a autoestima, a socialização, a integração do grupo. Assim essa pesquisa pretende analisar a atuação psicopedagógica no atendimento de crianças com espectro autista propondo uma intervenção na aprendizagem essa criança junto ao professor.

Também objetiva-se proporcionar situações de agir-refletir-agir compatíveis com os objetivos educacionais, metodologias e conteúdos programáticos das séries do Ensino Infantil e contribuindo com a professora, a fim de que tenha domínio na aprendizagem de criança autista com dificuldades; e, assim, proporcionando crescimento do grupo. Para isso foi necessário investigar como um autista interage com o espaço escolar e proporcionar à

professora instrumentos capazes de auxiliá-la na educação com crianças autistas.

A pesquisa será desenvolvida através de uma pesquisa de campo e bibliográfica na qual existem algumas definições sobre o tema proposto, tentando enfatizar os problemas relacionado com o Autismo. E será baseado nas leituras de Bereohff (1991), Schwarstzman (1995), Varella (2014) dentre outros autores que refletem sobre o tema proposto.

## **Metodologia**

A pesquisa será desenvolvida através de pesquisa bibliográfica e de campo com entrevista e observação sobre a atuação e vivencias dos professores em uma sala com uma criança com o autismo, enfatizando os métodos de ensino aplicado em sala de aula com crianças autistas, e entender como funciona a relação do professor com uma dificuldade de aprendizagem que afeta muitas crianças e saber se estiver preparado para resolvê-lo. O recinto escolar escolhido não possui psicopedagogo, nem um profissional qualificado, a equipe multidisciplinar, foi realizado um trabalho extra, com psicopedagogo e alunos da pós-graduação em psicopedagogia.

O roteiro de observação foi realizado na sala de uma professora atuante em sala de aula, as observações relacionadas à profissão do psicopedagogo em atuam em parceria com professora, como lidar com autista em sala, se houve medo por não conhecer o espectro do autismo, foi feita observação durante as atividades escolares em sala de aula. São duas visões diferentes, a qualitativa é mais idealista e subjetiva enquanto a pesquisa quantitativa é realista e objetiva. (SANTOS FILHO e GAMBOA, 2002).

Conforme Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica desenvolve sua investigação a partir de trabalhos e estudos já realizados por outras pessoas. Para Melo (2010), o qualitativo esta na interpretação e não em quantificação.

No que diz respeito à pesquisa de campo a investigação concentra-se em dados obtidos através de métodos de coleta de dados, como questionário, entrevista, observação “in loco” para Ferrari (1974, apud MARCONI, LAKATOS. P. 62), ciência “é o conjunto de atitudes e atividades racionais, dirigidas ao sistemático conhecimento com o objeto limitado, capaz de ser submetido à verificação”.

## **Resultado**

A presente pesquisa foi realizada em uma escola de rede particular ao qual utilizamos a observação como método de coleta de dados, para isso foi necessário criar um roteiro que descrevemos a seguir o que foi coletado.

Durante a pesquisa foi observado pelo psicopedagogo que a professora e a escola não estão preparadas para lidar com aprendente autista, durante a observação foi constatado que a parte física da sala de aula estar em ambiente aberto, interfere no aprendizado, devido ao barulho, e a sensibilidade do aprendente com autismo, grita e coloca suas mãos no ouvido com isso ele se joga ao chão e às vezes começa a se despir.

Ao iniciar as tarefas de classe ele é o último requisitado da professora, mas com ajuda do psicopedagogo é o primeiro a concluir as atividades de classe, no lanche consegue alimentar-se com ajuda do psicopedagogo, pronuncia todo o alfabeto corretamente em português e inglês, adora a aula de música, pois se acalma com a melodia, saber usar a criatividade para jogos de montar, foi o primeiro a construir um castelo, com supervisão do psicopedagogo.

Como psicopedagogo foi observado que a escola só apresenta conteúdo programático, fica difícil para a professora sem auxiliar de sala neste caso, da continuidade de conviver com um aprendente autista. Se a instituição contratasse um psicopedagogo com certeza seria de grande auxílio.

Também observamos que e a escola não possui estrutura em trabalhar com alunos autistas, sem profissionais adequados em sua maioria só graduados e sem especialização, falta de auxiliar de sala.

## **Discussão**

### **A ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NO ATENDIMENTO DE CRIANÇAS COM ESPECTRO AUTISTA**

O psicopedagogo deve auxiliar o educador para saber trabalhar com o relacionamento com seu aluno em um conhecimento o mais

abrangente da síndrome do espectro autista, das características da criança e de técnicas atualizadas de ensino.

É fundamental a pontualidade do aluno à escola, permitindo que ele participe de todas as etapas sem fugir de sua rotina e diminuindo a possibilidade de crises comportamentais durante o período escolar. Ademais, é imprescindível o educador não fugir à rotina, pois é indispensável para a educação do autista.

O Psicopedagogo tem como função de investigar, detectar e intervir nas causas que estão levando ao fracasso escolar e os fatores que limitam o aprendizado, atua na orientação dos familiares quanto suas decisões e também com profissionais inseridos diretamente com o autista.

Precisa além do seu conhecimento teórico e prático, o psicopedagogo deve ter responsabilidade, sensibilidade em compreender que um autista aprende, mas também ensina, pois, toda a bagagem que carrega consigo deve ser considerada. É responsabilidade ao psicopedagogo intermediar o relacionamento entre o ensinante e aprendente na construção de um vínculo.

Isto se faz necessário, conforme a afirmação de Weihs (1971 *apud* Bereohff, 1973) destaca:

Se desejamos compreender e ajudar uma criança autista, devemos por um lado, perceber que somos parte deste ambiente no qual esta criança tem que viver e crescer e, por outro lado, tentar ver seu comportamento, desempenho, habilidades e incapacidades em relação ao que é sempre perfeito nela, a vivência de sua própria personalidade (WEIHS (1971) *apud* BEREHOFF, 1973, pág. 22).

A atuação do psicopedagogo terá como objetivo principal trabalhar elementos que envolvem a aprendizagem de maneira que os vínculos estabelecidos sejam ótimos. A relação dialética entre o sujeito e objeto deverá ser construída positivamente e que a professora da sala de aula, adquira conhecimentos através da prática realizada em classe e compartilhe esse processo de ensino e aprendizagem, dependendo do caso, poderá comparecer uma equipe multidisciplinar, onde vários profissionais de diversas áreas.

A seguir, Cunha (2008) apresenta novas habilidades para crianças com autismo um “treino” para que de uma categoria de comportamentos fundamental para qualidade de vida para autistas e sua família. O treino e exercício da autonomia nas atividades de vida diária (AVDs) ou atividades rotineiras, ou seja, que são realizadas diariamente com funções de autocuidado e higiene pessoal.

São elas: lavar as mãos, escovar os dentes. Tomar banho alimentar-se, vestir-se etc. As crianças diagnosticadas dentro do espectro autismo apresentam muita dificuldade na aprendizagem das atividades de vida diária, ficando dependente de adultos por mais tempo. Esta dificuldade se dá devido às deficiências na área da linguagem e habilidades sociais. Ou seja, uma criança que não aprendeu a habilidade social de imitar não inicia as atividades rotineiras espontaneamente, imitando os adultos, como crianças com desenvolvimento típico fazem com naturalidade.

Da mesma forma, uma criança que não desenvolveu a linguagem receptiva, não segue as instruções verbais dadas pelos professores na execução das atividades rotineiras. (CUNHA, 2008).

### **Atividades de Vida Diária (AVDs) na escola**

**Higiene:** esta atividade promove maior independência como lavar as mãos, escovar os dentes, tomar banho, vestir-se, despirem-se sozinhos. Estes são trabalhados em momentos específicos dentro do contexto escolar.

**Lanche:** segundo Schopler (1993), esta é uma situação que prioriza somente a alimentação, mas também permite que um tenha respeito pelo lanche do outro, bem como compartilhá-lo em determinadas situações.

**Recreio:** este momento é muito importante dentro da rotina escolar, pois é a hora da integração com as outras crianças da escola portadoras de necessidades especiais ou não. Neste instante de liberdade o autista deve ser supervisionado à distância, acompanhando se há ou não um momento de integração com os demais.

**Passeio:** este é realizado fora da escola. Levando em conta que o autista não é sociável, o passeio oportuniza-o a vivenciar situações sociais nas quais a comunidade participa direta ou indiretamente. De um lado, o autista aprende a conviver com a sociedade e de outro a sociedade aprende a compreender este indivíduo portador de necessidades especiais.

**Recreação supervisionada:** é característica dos autistas apresentar movimentos estereotipados com o corpo repetidamente, esta atividade busca ampliar o repertório motor, através de brincadeiras lúdicas, com regras fáceis e materiais



diversos. Procura-se nesta hora proporcionar ao grupo momentos de interação, sociabilização e lazer.

Saída: a rotina encerra com a professora estimulando o aluno organizar seu material e a sala de aula.

A Psicopedagoga em atuação individualizada em sala ou juntamente com a professora podem atuar com diversas atividades, como Fagali (2002) sugere:

O sapo comedor de bolhas: as metas principais dessa atividade são comunicação verbal, contato visual e desenvolver período de atenção compartilhada de 5min ou mais. Nessa atividade o psicopedagogo deverá fazer bolhas de sabão e, com suspense e animação, manusear o fantoche do sapo para que ele “coma” as bolhas. A criança deverá falar a palavra “Bolha”.

Quanto à estruturação da atividade, apresenta-se o potinho de bolhas e começa-se a soprar bolhas para a criança. Se ela se interessar, é interessante fazer mais bolhas. A professora modelará a palavra com a qual a criança poderá pedir por mais bolhas de sabão. Diz-se “Bolhas” diversas vezes enquanto sopra as bolhas e durante a pausa da ação, pega-se o fantoche do sapo e diz à criança que o sapo come bolhas e que ele está com muita fome.

Procura-se pegar cada uma das bolhas com a boca do sapo. É interessante fazer um suspense antes de soprar as bolhas e antes do sapo comê-las. Utiliza-se movimentos amplos, exagera-se nas expressões faciais, imita-se o pulo e o som (onomatopeia) do sapo.

Quando a criança estiver altamente motivada pela ação, demonstrando querer mais da ação conjunta do psicopedagogo (observa o autista) e do professor (através de gestos, olhares, sorrisos, sons) passa-se a solicitar durante as pausas que ela tente falar a palavra “bolha” para comunicar a você querer mais. Aguarda-se a resposta da criança celebrar qualquer tentativa para falar a palavra e responder aos sons oferecendo imediatamente a ação desejada por ela.

Futebol de tecido: Nessa atividade serão utilizados um pano de TNT e uma bola. As metas principais da atividade são, além da recreação, desenvolver a psicomotricidade, coordenação motora, lateralidade, coletividade e cooperação.

O psicopedagogo deverá confeccionar uma quadra no pano de TNT, com um gol em cada ponta e com a utilização de uma bola cada equipe pontua.

## **Musicalização em roda**

O psicopedagogo tem como objetivo principal "abrir um canal de comunicação" com a criança quer seja através do olhar, do toque (nos instrumentos) ou da escuta (percepção dos estímulos sonoros). Neste momento também se gera a possibilidade de canalizar estereotípias e/ou comportamentos inadequados, utilizando os instrumentos sonoro-musicais para re-significar ações e/ou condutas para atividades construtivas.

Na visão de Fagali (2002, p. 10):

trabalhar as questões pertinentes às relações vinculares professor-aluno e redefinir os procedimentos pedagógicos, integrando o afetivo e o cognitivo, através da aprendizagem dos conceitos, nas diferentes áreas do conhecimento.

O fato da criança não acompanhar as tarefas repassada pela professora durante as aulas, não prestar atenção à explicação, e na atividade física também não presta atenção, pois existe a falta de socialização perante os coleguinhas de sala, enquanto os outros ficam ocupados "brincando". É necessário um atendimento diferenciado para essas crianças.

No caso do autista deveria ficar um estagiário/auxiliar somente com ele, fazendo outras atividades. Tudo isso deveria ter o acompanhamento e/ou a presença de um psicopedagogo, onde deveria orientar os estagiários com se comportar com um aluno autista, mostrar outras formas de brincar.

Sabendo que o autista não se adapta ao mundo externo com facilidade, é preciso que na escola ele tenha uma rotina estruturada, que faz com que ele se situe no espaço e tempo, o psicopedagogo e o professor devem fazer parte dessa rotina, compreendendo que a mesma não é uma restrição a sua criatividade. Ravière (apud Bereohff, 1984), explica que "esta relação põe à prova, mais do que nenhuma outra, os recursos e as habilidades do professor".

A abordagem vivencial é outro fator importante na educação destas crianças tão especiais, pois às vezes o trabalho verbal não é o suficiente, onde o contato físico com o autista é de grande necessidade.

A importância do ensino estruturado é ressaltada por Schopler (apud Gauderer, 1993), no método TEACCH (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Deficiências relacionadas à Comunicação), quando afirma:

É bom ter em mente, que normalmente as crianças à medida que vão se desenvolvendo, vão



aprendendo a estruturar seu ambiente, enquanto que os autistas e com distúrbios difusos do desenvolvimento precisam de uma estrutura externa para otimizar uma situação de aprendizagem (GAUDERER, 1993, pág. 82).

Estes cuidados permitirão um maior sentimento de pertinência e de previsibilidade quanto ao espaço físico. A sala deve ter um tamanho que permita a realização de atividades de mesa, individuais e em grupos, contando também com alguns colchonetes e almofadas (SCHOPLER, 1993).

Outro recurso que quando usado no momento adequado e seu estilo estiver de acordo trará bons resultados, é a utilização da música, as preferências são sempre para as infantis (ciranda – cirandinha). A canção deve estar sempre de acordo com momentos específicos, tais como a chegada, hora do lanche, higiene, para que a criança possa relacionar a música com a atividade em andamento. Além das técnicas, a rotina diária é muito importante na educação do autista, a qual não deve ser alterada, qualquer mudança pode refletir no comportamento da criança.

## **Conclusões**

Ao se propor o presente artigo, acredita-se que se pode contribuir de forma significativa para a superação das dificuldades de aprendizagem apresentadas por crianças que possuem autismo. Para isso a pesquisa propõe operacionalizar uma prática pedagógica que reflita coletivamente sobre o planejamento das atividades educativas, sobre as estratégias e recursos de ensino-aprendizagem e de avaliação visando garantir que crianças autistas aprendam.

Acredita-se que para a superação dos problemas de ensinagem em autistas, é necessário um planejamento que inclua atividades diversificadas e individuais proposta pelo psicopedagogo e estudo constante, dedicação e muita competência, pois será necessário investigar as teorias de aprendizagem e colocá-las em prática, conhecendo também a história familiar do educando que é o ponto essencial de nosso projeto.

Os professores têm dificuldades ao incluir um aluno autista em sala de aula, ou seja, apesar de buscarem melhoras em suas práticas, pesquisando em livros, artigos e comentários de colegas, ainda não possuem preparo para lidar com a inclusão escolar de alunos autistas,

uma vez que não tiveram uma formação tanto a nível inicial como contínuas adequadas.

O trabalho do educador juntamente com o psicopedagogo com pessoas autistas é árduo. Esse deverá ver o mundo através dos olhos do autista, a fim de que possa planejar programas educacionais efetivos; e, assim, inseri-lo na sociedade de forma mais independente.

Finalizando, podemos dizer que o autismo é um transtorno que a criança tem dificuldade de contato e da comunicação, onde a atuação do psicopedagogo deve auxiliar o professor com seus conhecimentos e aplicando em sala de aula. Há de se destacar que o processo de inclusão só ocorrerá quando existir a conscientização dos profissionais da educação e da sociedade, a sala de aula é composta de níveis de aprendizado diferenciado que a escola tem que respeitar e trabalhar de forma diferenciada.

## Referências

BEREOHFF, A. M. P. **Autismo, uma visão multidisciplinar**. São Paulo, GEPARI, 1991.

BEREOHFF, A. M. P. AUTISMO: uma história de conquistas (ASTECA). In **Em Aberto**, Brasília, ano 13, n.60, out./dez. 1993.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Autismo: orientação para os pais. Casa do Autista**. Brasília: 2000. 38p. Disponível em: <[http://http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03\\_14.pdf](http://http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_14.pdf) Acesso em: 19 abril 2017.

CUNHA, Eugênio. **AUTISMO INFANTIL: Práticas educativas na escola e na família**. Publicado em 2008, disponível em <http://www.eugeniocunha.com.br/artigo/24/autismo-infantil:-praticas-educativas-na-escola-e-na-familia/>. Acesso em set/2017

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO (DPESP). **Direitos das Pessoas com Autismo**. Núcleos Especializados da Infância e Juventude, de Combate à Discriminação, Racismo e Preconceito e do Idoso e da Pessoa com Deficiência da Defensoria Pública do Estado de São Paulo 1<sup>o</sup> Edição - Março de 2011. Disponível em [https://www.defensoria.sp.def.br/dpesp/repositorio/34/figuras/DireitosPessoasAutismo\\_Leitura.pdf](https://www.defensoria.sp.def.br/dpesp/repositorio/34/figuras/DireitosPessoasAutismo_Leitura.pdf). Acesso em 31 de agosto 2017.

FAGALI, E; VALE, Z. **Psicopedagogia Institucional Aplicada: a aprendizagem escolar dinâmica e construção na sala de aula**. 7.ed. São Paulo: Vozes, 2002.

GAUDERER, C.E. **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento: uma atualização para os atuam na área; do especialista aos pais**. Brasília: Corde, 1993.

SANTOS FILHO, José Camilo dos Santos e GAMBOA, Sílvio Sanches (ORG). **Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SCHWARSTZMAN, J. S. Assunção, F.B. Jr. e Colaboradores. **Autismo Infantil**, Memnon Edições Científicas Ltda. São Paulo, 1995.

VARELLA, Drauzio. **O Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Publicado em 2014. Disponível em: <https://drauziovarella.com.br/doencas-e-sintomas/tea-transtorno-do-espectro-autista-ii/> Acesso em 31 de agosto 2017.

VOLKMAR, Fred; HUBNER, Martha; HALPERN, Ricardo. **HISTÓRIA DO AUTISMO**. In National Autistic Society – Autism Speaks, 2014. Disponível em em: <https://www.autismspeaks.org/site-wide/national-autistic-society> Acessado em 31 de agosto 2017.

WEIHS, Thomas J. **Crianças que necessitam de cuidados especiais**. São Paulo: Antroposófica, 1971.